

HOMENAGEM Iniciativa é dedicada à memória da expulsão das tropas portuguesas da Bahia em 1823

Salvador terá o primeiro 2 de Julho como capital simbólica do país

PRISCILA DÓREA

O tradicional desfile em homenagem à Independência do Brasil na Bahia, marcado para a próxima quinta-feira, 2 de julho, promete ser ainda mais emocionante este ano. No último dia 16, o Senado aprovou uma lei que transfere simbolicamente a capital do país para Salvador nesta data, em memória da vitória baiana sobre as tropas portuguesas em 1823 – episódio que consolidou a emancipação.

A medida, que aguarda sanção presidencial, transforma Salvador no palco oficial da memória nacional e reafirma o protagonismo da Bahia como guardiã da liberdade que deu corpo e alma à Independência do Brasil.

De autoria do deputado federal Leo Prates (Republicanos), o Projeto de Lei 5672/25 foi aprovado pela Câmara dos Deputados em 10 de março de 2026 e pelo Senado no último dia 16 de junho, e prevê a transferência simbólica da sede do governo federal para Salvador, todo 2 de julho, em homenagem às celebrações da Independência da Bahia, determinando que nessa data os três Poderes da República realizem atividades oficiais na capital baiana.

Segundo o texto, caberá ao Executivo definir a logística, a segurança e a estrutura para os eventos, em coordenação com os outros Poderes e com as autoridades locais.

Agora, falta apenas a aprovação do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que já confirmou presença no Desfile do Dois de Julho de Salvador d este ano. “O coração do Brasil vai bater oficialmente em Salvador no dia 2 de julho! Nosso projeto de lei, que torna Salvador a capital do Brasil em toda data do 2 de Julho, acaba de ser aprovado pelo Senado e agora segue para sanção presidencial”, celebrou Leo Prates em suas redes sociais.

O historiador, professor e consultor Rafael Dantas, atual diretor da Biblioteca Ruy Barbosa do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB), afirma que a aprovação do PL é de uma importância referencial do ponto de vista do protagonismo da capital.

“Assim como o protagonismo que toda a Bahia teve ao longo desse processo histórico. Salvador foi um grande epicentro econômico, político, cultural e comercial do processo da independência brasileira no século 19. Então sim, acho essa uma iniciativa de grande mérito e que ajuda principalmente na divulgação da relevância dos heróis e das heroínas da Bahia”, explica.

Processo histórico

Durante muito tempo, o 7 de setembro foi consagrado co-



Cortejo do 2 de Julho celebra os heróis e heroínas que expulsaram os portugueses e consolidaram a Independência



Celebrações ocorrem anualmente no Centro Histórico

mo a data definitiva da Independência do Brasil, marcada pelo famoso grito de Dom Pedro I às margens do Ipiranga. No entanto, essa narrativa oficial simplifica um processo que foi muito mais longo e conflituoso.

O historiador baiano Luís Henrique Dias Tavares (1926-2020) desempenhou um papel fundamental na desmistificação dessa visão. Destacando que a verdadeira consolidação da emancipação ocorreu em 2 de julho de 1823, quando a Bahia expulsou as últimas tropas portuguesas de Salvador, em suas pesquisas e obras, Tavares mostrou que o 7 de setembro representou apenas o início simbólico da ruptura. A independência só se tornou efetiva após meses de combates sangrentos que garantiram a soberania nacional.

Ao trazer o 2 de Julho para o centro da narrativa histórica, ele evidenciou que a independência não foi um ato isolado e pacífico, mas um processo marcado por resistência po-

pular, batalhas e sacrifícios.

O jornalista, publicitário e escritor Nelson Cadena explica que já houve várias tentativas de dar esse protagonismo à Bahia, mas nunca deu certo. “Outros estados também pontuam seus papéis na independência do Brasil. Então, nas vezes em que isso foi discutido no Congresso Nacional na década de 1930, 1940 e mais tarde na década de 1960, não houve avanços, porque, por exemplo, a Bahia falava sobre o assunto, então vinha Pernambuco: ‘Nós também tivemos um protagonismo’ e então Alagoas, Pará e vários outros estados que contribuíram para a independência do Brasil”, explica.

Cadena ressalta ainda a visibilidade que a Independência da Bahia vai ganhar e como a mudança simbólica, o que pode reforçar certos segmentos culturais. “Mostra a importância que teve o 2 de Julho, porque foi uma independência conquistada pelas armas e pelas pessoas. Acreditado que, no futuro, essa de-



Participação indígena foi central para a emancipação

cisão poderá contribuir ainda mais para a valorização da data”, reflete o pesquisador.

Presidente da Associação Cultural Grupo Indígena Os Guaranis, a principal guardiã da tradição dos Caboclos de Itaparica – que abrem o caminho para os carros da Cabocla e do Caboclo durante o Desfile ao Dois de Julho em Salvador -, Emanuel Pitta afirma que esse reconhecimento a partir do PL é muito importante, sobretudo para os grupos que compõem o desfile.

Reconhecimento

“O Brasil finalmente está re-

Projeto de Lei foi aprovado no Congresso Nacional e aguarda sanção presidencial

conhecendo a importância que a Bahia e os baianos tiveram nesse processo de consolidação da nossa independência. Nós, como representantes dos Guaranis e de Itaparica, que tiveram uma participação fundamental nas batalhas de 7 de janeiro de 1823, sabemos bem disso. Sem o 7 de janeiro em Itaparica talvez não houvesse o 2 de Julho em Salvador, por isso nós estamos, com todo orgulho, desde o início da década de 60, participando do 2 de Julho com o objetivo de mostrar os muitos personagens dessa história”, explica Emanuel Pitta.

Pitta conta que o Grupo entra em um período de ensaios e preparação das indumentárias já em outubro, seguindo até dezembro. “Primeiro para o 7 de janeiro, então alguns eventos até finalmente o 2 de julho, sempre com grande expectativa de fazermos um trabalho bonito e de representarmos Itaparica e o povo itaparicano no cortejo, festejando os 203 anos da independência do

Baile celebra a Independência

Parte das celebrações pelos 203 anos da Independência da Bahia, a tradição, a memória e a música da Bahia se encontram mais uma vez no Baile da Independência, que acontece na noite do próximo 3 de julho de 2026, às 19h no Campo Grande.

Realizado pela Orquestra Fred Dantas, em 2026 o evento ganha um significado especial ao marcar também os 40 anos de trajetória de uma das mais importantes formações musicais do estado e homenagear o com-

positor Reginaldo Raimundo de Souza - o Seu Regi de Itapuã -, um dos mais importantes representantes da cultura popular do bairro que se tornou símbolo da identidade soteropolitana.

Mais do que uma festa, o Baile da Independência reafirma a importância da música como expressão da memória coletiva e da identidade baiana, celebrando a liberdade conquistada pelo povo da Bahia e valorizando aqueles que ajudam a preservar e renovar sua riqueza

cultural.

A homenagem a Seu Regi – que é o autor de cerca de 400 composições, 47 canções são dedicadas ao bairro de Itapuã – dá continuidade a uma tradição do Baile da Independência, que ao longo dos anos já reverenciou grandes nomes do samba e da música popular da Bahia - entre eles Riachão, Batatinha, Myriam Teresa, Claudete Macedo, Muniz do Garcia, Guiga de Ogum e Valmir Lima.

A programação do baile será aberta com a execução

do Hino ao 2 de Julho, de Santos Titara e Santos Barreto, interpretado pelos cantores Mário Bezerra e Priscila Pio, acompanhados pela Orquestra Fred Dantas. Em seguida, o público será conduzido por uma viagem musical que celebra a identidade cultural da Bahia, passa pelos grandes clássicos da dança de salão e culmina em ritmos festivos que marcam a história da música baiana, especialmente aqueles ligados ao universo da Axé Music.

O 2 de Julho é um marco da consolidação da Independência do Brasil

Brasil na Bahia”, explica.

Os acontecimentos que antecederam o 2 de julho remontam ao início de 1822, quando a tensão entre brasileiros e portugueses se agravou após a Revolução Liberal do Porto, que buscava recolonizar o Brasil e limitar a sua autonomia. Na Bahia, a resistência começou a se organizar no Recôncavo, especialmente em cidades como Cachoeira, onde líderes locais declararam apoio a D. Pedro I e à causa da independência.

A partir daí, se formou uma verdadeira guerra: de um lado, os portugueses fortificavam em Salvador; do outro, os brasileiros, que reuniam tropas vindas do interior e recebiam apoio popular. Mulheres – como Maria Quitéria, Maria Felipa, Joana Angélica, costureiras, mães e esposas, mulheres negras e indígenas que atuaram nos bastidores da guerra –, homens e até crianças participaram da mobilização, reforçando o caráter coletivo da luta.

Com o cerco por terra e mar, a situação das tropas lusitanas tornou-se insustentável. Até que, em 2 de julho de 1823, os portugueses foram obrigados a se retirar de Salvador, marcando a vitória definitiva dos brasileiros na Bahia e consolidando a Independência do país.

Para muitos historiadores, esse episódio é considerado mais sangrento e decisivo do que o 7 de setembro, pois não se tratou apenas de uma proclamação simbólica, mas de uma conquista militar e popular. Desde então, o 2 de julho é celebrado como a verdadeira independência da Bahia e, por extensão, como um marco essencial na formação da identidade nacional brasileira. Assim, o impacto desse PL que transfere a capital brasileira para Salvador atinge em cheio a forma como os brasileiros compreendem sua própria história.

“Essa ação, junto com todas as campanhas, trabalhos que compartilham as histórias da Bahia do ponto de vista da história pública e que falam da importância da Bahia nesse processo de independência, vêm contribuindo na construção de outras narrativas que mostram a pluralidade de se entender o processo de independência como algo que vai muito além do contexto Rio-São Paulo e que toca o Brasil como um todo”, afirma Rafael Dantas.

“Um processo que tem como caminho norteador entre 1822 e 1823, a Bahia, o Maranhão, o Pará, Pernambuco... Ou seja, as províncias do Norte que foram fundamentais para entender o redesenho do Brasil enquanto nação em um segundo momento pós processo de independência”, completa o historiador.



Rafael Dantas, historiador, destaca o papel da Bahia



Escritor Nelson Cadena fala da revelância do 2 de Julho